

O CURIOSO CASO JOÃO SALDANHA: REPRESENTAÇÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO *MEMÓRIAS DO CHUMBO – O FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR*

Lucas Toledo Gonçalves

Resumo

O presente artigo analisa as representações do uso político do futebol durante a Ditadura Militar brasileira, pela óptica particular do filme documentário *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor* (2012), uma produção da ESPN BRASIL, de autoria do historiador e jornalista Lúcio de Castro. As análises estão circunscritas ao eixo narrativo do filme, que analisa a curta passagem de João Saldanha, um importante personagem do futebol brasileiro da época, ligado ao comunismo, pelo comando técnico da seleção brasileira durante um dos momentos de maior opressão imposta pelo regime militar no País. Quanto à metodologia, foram contempladas neste estudo as perspectivas das fontes audiovisuais, em especial os filmes documentários, como importantes aliadas na transmissão e preservação do conhecimento histórico, e também a análise de periódicos, que se constituíram como essenciais fontes de pesquisa histórica. Pelas análises, foi possível concluir que o documentário *Memórias* se constitui como uma inédita fonte e objeto de pesquisa, especialmente ao apresentar novas interpretações para o tema.

Palavras-chave: Futebol. Ditadura Militar. Memórias do Chumbo. João Saldanha.

Abstract

This article analyzes the representations of political football use during the Brazilian military dictatorship by the particular perspective of the documentary film *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor* (2012), a production of ESPN BRAZIL, written by the historian and journalist Lucio de Castro. The analyzes are confined to the narrative axis of the film that examines the short passage from João Saldanha, an important character of Brazilian football at the time, turned to communism, as the coach of the Brazilian team during one of the most oppressive moments imposed by the military regime in the country. As for the methodology, were included in this study the prospects of audiovisual sources, especially documentary films, as important allies in the transmission and preservation of historical knowledge, and also the analysis of journals, which were constituted as important sources of historical research. Through the analysis, it was concluded that the documentary *Memórias* is constituted as a new source and object of research, especially when presenting new interpretations of the theme.

Keywords: Football. Military dictatorship. Memories of Lead. João Saldanha.

INTRODUÇÃO

A relação existente entre o futebol e a política e as formas pelas quais o esporte foi apropriado pelo regime militar brasileiro constitui-se como a configuração temática deste artigo, cujo objetivo principal consiste em discutir as relações existentes entre a Ditadura Militar no País e o futebol. A pesquisa baseia-se nas representações históricas extraídas do episódio Brasil da série de documentários *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor*, conduzida pelo jornalista e historiador Lúcio de Castro no ano de 2012, que, por seu turno, constituiu-se como o objeto e fonte principal deste estudo.

Pensar a relação entre futebol e Ditadura Militar na América do Sul é compreender que o esporte é, sobretudo, um importante fator de mobilização social e elemento

imprescindível na cultura coletiva do continente. A relação do povo sul-americano com o futebol apresenta-se, como íntima e apaixonada. Desde que desembarcou das terras europeias, nas últimas décadas do século XIX, o esporte se constituiu como um dos fenômenos sociais mais abrangentes do continente, quicá o maior (ALABARCES, 2008). Ao ser incorporado ao imaginário coletivo, ele é capaz de atribuir fundamento e significado aos desejos e anseios da grande maioria da população de países como Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Nesses países, embora o futebol tenha sido disseminado entre os grupos mais elitizados da população nos primórdios do século XX, rapidamente chegou às camadas populares, tornando-se um fenômeno de massa, um espetáculo capaz de promover grandes vínculos de solidariedade e de canalizar fluxo de emoção coletiva.

No Brasil, desde a década de 1930, o futebol é considerado um dos pilares dos discursos da identidade nacional, fortemente influenciado pela tradição freyriana da democracia racial¹ (ANTUNES, 2004). As conquistas nas competições internacionais, especialmente nas Copas do Mundo (Fifa), ampliaram a sinergia entre a sociedade brasileira e a seleção de futebol, fazendo com que ela se tornasse um dos maiores bens simbólicos do País, por vezes capitalizada por políticos de distintas filiações (COUTO, 2014). Devido à grande penetração no imaginário coletivo de argentinos, brasileiros, chilenos e uruguaios, o campo futebolístico passou a encampar as disputas ideológicas entre diversos agentes sociais, servindo também como disseminador das políticas estatais, consolidando uma relação estabelecida pelo “uso político do esporte e o uso da política pelo esporte” (GUTERMAN, 2009). Dessa maneira, em grande parte da América Latina, o universo do futebol não se restringe apenas às dimensões esportivas do jogo, mas assume também as feições de um fenômeno dramatizador das relações sociais (DA MATTA, 1982).

Em razão do processo de massificação do futebol na América do Sul, o que se verificou foi o importante caráter político que este adquiriu. Seu poder de mobilização e difusão social se impôs rapidamente como um elemento coercitivo na definição de estratégias de políticas públicas e de propaganda estatal. Nessa direção, as esferas do poder, da política e das ideologias também se reproduziam dentro das quatro linhas e nas arquibancadas. O

¹ A concepção de “democracia racial”, de Gilberto Freyre, baseia-se na pluralidade de raças que integram o território nacional e que contribuíram, segundo o autor, para criar uma predisposição natural dos brasileiros para com a prática do futebol. Nesse sentido, os jogadores nascidos no Brasil seriam dotados de características particulares e referentes a esse conjunto de etnias que os dotariam de habilidades especiais, tais como a ginga e o drible. A noção freyriana de “democracia racial” foi adaptada, como nos mostrará o historiador Euclides Couto (2014), em *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)* por autores importantes que argumentaram sobre o esporte como elemento de construção de uma identidade coletiva brasileira, como Thomaz Mazzoni e Mario Filho.

período marcado pelos regimes ditatoriais nos países supracitados foi, sem dúvida, o momento de todas as suas trajetórias históricas, nas quais todas essas questões estiveram mais próximas e interligadas. Em busca de legitimação para seus projetos nacionalistas, os governos autoritários foram os que mais recorreram ao futebol.² Os casos mais emblemáticos foram, em nível global, os regimes nazifascistas italiano e alemão, que ao longo de sua estada no poder não mediram esforços para transformar o esporte em veículo de propagação das ideologias oficiais. Também de forma notável, destacamos, internamente, a organização da Copa do Mundo de 1978, na Argentina. O país amargava um quadro político e social marcado pelas arbitrariedades do regime militar imposto pelo general Jorge Videla. O torneio e a torcida em prol da seleção seriam o fator a restaurar a unidade nacional que fora comprometida pelas perseguições da ditadura. A conquista do título valeria a recuperação da imagem do País, tanto em escala internacional quanto nacional. O desfecho daquela Copa rende, até os dias atuais, fortes suspeitas de influência do regime no decorrer da competição.³

No caso brasileiro, sabe-se, no entanto, que a relação entre futebol e Estado deu-se inicialmente durante o governo paternalista e autoritário de Getúlio Vargas, que procurou atribuir às práticas esportivas instrumentalizadas – especialmente ao futebol – o papel de centralidade no seu projeto governista (COUTO, 2014; DRUMOND, 2009; SILVA, 2004). A prática, instituída por Vargas, foi apropriada e ressignificada anos mais tarde pelos militares que comandaram o País entre 1964 e 1985. Naquele momento, o futebol já alcançara um grau extremamente elevado de mobilização e comoção entre os brasileiros, especialmente após as vitórias das Copas do Mundo de 1958 e 1962, expandindo-se substancialmente em todo o território nacional. A seleção brasileira, como símbolo da cultura e do pertencimento do povo brasileiro, foi alvo de intensa capitalização política e viu o auge desse processo ocorrer na Copa do Mundo do México, em 1970, quando conquistou o tricampeonato mundial sob o estrito controle do regime.

² O historiador Hilário Franco Júnior (2007), estabelece em “*A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*”, um paralelo entre a utilização do futebol como instrumento político desde as práticas da política informal de industriais de pequenas cidades inglesas que nutriam com recursos financeiros os times de suas fábricas, com o claro objetivo de reforçar seu prestígio pessoal e ganhar o reconhecimento de seus trabalhadores, até a penetração da política institucional no meio esportivo. Os governos autoritários foram, segundo o autor, aqueles que mais usaram o futebol como instrumento de apropriação política, usando, em muitos casos, clubes e seleções nacionais como forma de captar apoio e propaganda para os seus governos.

³ Durante a realização do torneio, o que se observou, embora jamais tenha se comprovado, foi a manifestação clara das partes envolvidas, colaborando em grande medida para o sucesso do time anfitrião. A seleção brasileira, que só não se classificou para a final devido à vitória “milagrosa” da Argentina sobre o Peru – o time argentino entrou em campo para enfrentar os peruanos sabendo que precisaria vencer por quatro gols de diferença para se classificar, e de forma bastante questionável, venceu a partida por incríveis 6 a 0 – terminou em terceiro lugar.

Amparado por tal constatação, e objetivando ampliar as discussões acerca da argumentação inicialmente proposta pela historiografia, o jornalista e também historiador Lúcio de Castro, no exercício de sua atividade como profissional do canal esportivo ESPN BRASIL, percorreu o continente em busca de histórias e memórias que fossem esclarecedoras e pioneiras sobre a relação entre as ditaduras militares e o futebol na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Com efeito, no intuito de contribuir com o resgate e a preservação da memória referente ao período, o jornalista reuniu relatos importantes de atores que vivenciaram *in locu* alguns acontecimentos que ratificam a apropriação política e a militarização do campo futebolístico nesses países. A reunião do conteúdo material, oral, e acima de tudo histórico, resultou na produção da série de documentários *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor*, produzida e lançada no ano de 2012 e composta por um total de quatro filmes – ou episódios –, sendo cada um deles responsável por contar as histórias e resgatar os fragmentos das memórias de argentinos, brasileiros, chilenos e uruguaios que permaneceram ocultas durante muito tempo.

Tendo em vista as várias possibilidades analíticas proporcionadas pelo objeto, limitamos nossas análises sobre um dos eixos narrativos que compõem a obra, qual seja, o extécnico da seleção brasileira João Saldanha, um personagem ligado ao comunismo que dirigiu o esporte nacional em plena ditadura militar. Por meio de um diálogo entre a historiografia e o filme documentário, procuramos inserir as abordagens apresentadas pelo filme no bojo das interpretações historiográficas relacionadas ao futebol no Brasil, definindo-o como uma nova narrativa histórica sobre o assunto.

Quanto aos caminhos metodológicos adotados por esta pesquisa, partimos do pressuposto levantado por Marcos Napolitano (2005) sobre as fontes audiovisuais, entre as quais destacamos os filmes documentários, que por seu turno tornaram-se importantes aliados dos historiadores para uma melhor percepção, estudos e compreensão das sociedades. Sobre essa questão, o autor entende que o uso das fontes audiovisuais ganhou um espaço significativo no campo da pesquisa histórica, uma vez que são consideradas testemunhos objetivos e diretos da história, sobretudo quando possuem um espectro documental. Assim, faz-se importante perceber as fontes audiovisuais em seus mecanismos de representação da realidade e em suas estruturas internas. Para tal, é necessário, contudo, articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e as representações da realidade social ou histórica nelas inseridas (NAPOLITANO, 2005).

As etapas metodológicas percorridas nesta pesquisa se iniciam com a definição das temáticas que foram analisadas ao longo dos capítulos – representados neste artigo pelo eixo narrativo escolhido. Tal definição se deu por meio de leituras atentas do filme-documentário visando identificar os blocos narrativos que compõem sua arquitetura. Com a identificação plena desses blocos narrativos, procuramos contemplar em nosso estudo os mesmos recortes temáticos e históricos feitos por Lúcio de Castro, ou seja, analisamos somente os aspectos relacionados à capitalização política do futebol durante o regime militar brasileiro que estiveram presentes na obra. Realizamos também uma comparação entre a incursão histórica proposta pela narrativa fílmica e as narrativas científicas, assentadas na ciência histórica e que abordam as mesmas temáticas.

Quanto à seleção das cenas, buscamos eleger aquelas que, segundo nosso entendimento, mais representaram a intencionalidade do autor em abordar determinado aspecto e, simultaneamente, abrangeram o maior número de informações históricas relativas a um conteúdo histórico específico. Para que fosse possível a análise historiográfica do material selecionado, buscamos identificar sob quais ângulos as temáticas abordadas no filme foram discutidas por historiadores que se dedicaram a estudar a história política do futebol. Dessa forma, conseguimos tecer elucidações acerca de quais medidas a narrativa fílmica contribuiu com novas perspectivas para estudos futuros sobre o tema, bem como sua corroboração para com as argumentações já estabelecidas pela historiografia.

Propomos analisar e respeitar outros critérios de metodologia estabelecidos para abordar o tema futebol e ditadura no Brasil por meio do filme-documentário e a compactuar, em princípio, com as maneiras pelas quais a história se manifesta no cinema, especialmente nos documentários. Segundo Marcos Napolitano (2005), o pesquisador é capaz de verificar tal manifestação ao buscar informações localizadas nos vários códigos e canais que formam a “linguagem fílmica”. Inicialmente, é preciso haver identificação dos seus elementos alegóricos ou narrativos baseados em uma espécie de “descrição densa” dos elementos narrativos básicos do filme: o plano e as sequências.

O plano e as sequências são as unidades narrativas básicas do filme-documentário. O plano é o quadro e é definido pelo enquadramento contínuo da câmera, localizado entre um corte e outro. Já a sequência é a junção de vários planos que se articulam por alguma proximidade narrativa ou cênica por meio de edições e/ou montagens. É imperativo, então, estar comprometido com tudo que se vê e ouve no quadro fílmico e também com as estratégias de ligação das sequências e dos planos, ou seja, os personagens, o cenário, o

figurino, a trilha sonora, os efeitos de montagem, os diálogos, entre outros. Uma vez atento a tais estruturas, é possível inferir que o elemento verbal – os diálogos, base do roteiro de um filme – é apenas um entre vários elementos constituintes da linguagem do filme, e o papel do historiador é cotejá-los com a imagem/movimento que lhes correspondem. A análise das escolhas do diretor é um dado importante que deve ser levado em consideração, bem como incluir aquilo que ficou fora do filme mas que poderia estar nele inserido. A respeito dessa última consideração, ressalta-se que em filmes de cunho histórico essa questão é crucial, pois não somente o que se encena do passado é importante, mas também a forma como se encena e aquilo que não se encena do evento histórico que inspirou o filme (NAPOLITANO, 2005). Perceber essas escolhas e criticá-las tendo como base uma estratégia de análise historiográfica, assim como conceber esse conjunto de princípios metodológicos, foi fundamental durante os processos de desenvolvimento que nortearam esta pesquisa.

Faz-se necessário acrescentar que ao abordar o caso particular do ex-treinador da seleção brasileira de futebol, João Saldanha, e dada a escassez de trabalhos acadêmicos referentes ao tema, recorreremos a jornais pertencentes ao contexto histórico, no qual a atuação de Saldanha como líder da equipe nacional esteve em evidência. Nesse sentido, compreendemos que a metodologia utilizada na elaboração deste trabalho consiste também na utilização de fontes jornalísticas, uma vez que os jornais conquistaram um importante espaço na historiografia contemporânea como objetos e fontes de pesquisa, sobretudo a partir da década de 1930, e se constituíram como instrumentos importantes no processo de construção do saber histórico (LUCA, 2005).

O COMUNISMO DE JOÃO SALDANHA NA SELEÇÃO VERDE-AMARELA

O universo que circunda a Copa do Mundo de 1970 no México, vencida de forma majestosa pela seleção brasileira, é muito vasto, mas ao mesmo tempo permite que sejam feitas investigações e estudos mais detalhados acerca de particularidades específicas de sua organização, preparação e disputa. O tema é amplamente discutido na historiografia e a equipe diretora de *Memórias* conferiu uma atenção especial a esse importante momento da história política e esportiva do País. Ao mergulhar nesse mar de possibilidades, chama-se a atenção para alguns pontos que usualmente não costumam aparecer com destaque nas mídias especializadas. Alguns deles, entretanto, foram abordados no filme-documentário.

O curioso caso de João Saldanha, um personagem ligado ao comunismo⁴ que dirigiu a seleção brasileira em plena ditadura militar, foi uma dessas abordagens recuperadas pelo documentário. De maneira especial, *Memórias do chumbo – o futebol nos tempos do condor*, conferiu notório destaque ao tema, como é possível verificar na seguinte cena transcrita do episódio, narrada em voz *off*:

Personagens do futebol passam a merecer atenta vigilância e relatórios periódicos sobre suas ações. Poucas pessoas na história republicana foram tão vigiados como João Saldanha. O cargo de treinador da seleção brasileira ampliava sua voz. Os militares sabiam que Saldanha aproveitava suas viagens ao exterior para levar documentos que denunciavam a tortura no Brasil e ajuda para exilados. [...] Indomável, o “João Sem Medo” não poderia ter a voz ainda mais forte com um título mundial. (MEMÓRIAS, 2012)

Neste momento da narrativa, há uma mediação do historiador Carlos Eduardo Sarmento, que fala sobre a interferência do regime militar no comando técnico da seleção, que tinha João Saldanha como treinador e alvo principal:

A comissão técnica de 70, a gente nunca pode esquecer que tem uma intervenção direta que é o caso do João Saldanha, que é uma demonstração de força do regime. Polêmico, João Saldanha estava desgastado com setores da opinião pública, etc. Mas é uma pressão constante do regime sobre a CBD, até que a CBD efetivamente cede, e cede porque ele estava desgastado. (MEMÓRIAS, 2012)

Notamos ainda a participação de Lúcio de Castro,⁵ autor da série dos documentários, em uma interação direta com Sarmento: “A saída do João Saldanha é uma intervenção direta do regime? É isso?”

Sarmento responde ao diálogo com Lúcio e conclui:

É, é claro. Isso é claro, porque ele já é um nome que é colocado sob suspensão muito antes da sua demissão, pelo incomodo que causava, [...] não é essa a discussão apenas, é a independência do João Saldanha. O João Saldanha de alguma forma tinha autonomia para ocupar certos espaços, rádio... e falar certas coisas que eram extremamente incômodas. Sempre havia uma dúvida sobre até que ponto vai o João Saldanha, ou seja, o João Saldanha é uma FIGURA que enquanto ele teve apoio popular, era muito complicado mexer. Conforme isso vai se desgastando, e vão se criando episódios na imprensa que vão colaborando pra esse desgaste, que viabiliza esse projeto, que é um projeto não só de anular esse personagem, que é um

⁴ Recomenda-se a leitura da biografia de João Saldanha escrita por André Iki Siqueira (*João Saldanha, uma vida em jogo*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2007), na qual as relações do ex-treinador com o comunismo são mais bem discutidas. In SIQUEIRA, André Iki.

⁵ A participação de Lúcio de Castro no documentário se dá através de sua voz, apenas. O mesmo não aparece em nenhum outro momento do filme, embora seja sabido que a cena final, onde é exibido um depoimento do autor uruguaio Eduardo Galeano, é na verdade, um trecho de um diálogo entre os dois.

personagem sobre o qual eles efetivamente sabem que não têm controle, como também de uma demonstração de força sobre a CBD. (MEMÓRIAS, 2012)

Ademais, da participação do historiador Carlos Eduardo Sarmento, o filme contou com os depoimentos de João Viotti Saldanha, filho do ex-técnico da seleção brasileira João Saldanha. Concordamos que o testemunho de João Viotti se apresenta, comungando dos pressupostos levantados no primeiro capítulo, os quais destacam a presença de indivíduos que estiveram diretamente ligados ao contexto histórico representado pelo documentário, como fator de consolidação da representatividade e memória do período em questão.

A fala de João Viotti Saldanha se dá logo após a narrativa citar – como apresentamos no início deste tópico – o nome de seu pai como um dos personagens do futebol mais vigiados pelos militares durante a ditadura e que se aproveitava das viagens para o exterior pra denunciar as situações de censura, autoritarismo e tortura do governo militar brasileiro:

O meu pai chegou e falou: Joãozinho vem aqui, vamos ali. Vamos ali com o papai. E as pessoas ficaram nesse apartamento, e eu atravessei a rua com o papai [...] e a gente anda, digamos, uns cem metros, e ele fala: Está vendo aquele moço ali? Entrega isso aqui pra ele. Era um pacote. Eu não sei te dizer o que havia dentro do pacote, não sei mesmo. Eu fui, eu sei que eu olhava pro papai, pra trás, e olhava pro moço, eu estava ficando mais perto do moço. E o papai ali, quieto, esperando a ação se consumir. Eu sei que eu cheguei próximo desse senhor, era um negro, que não tinha dois dedos na mão, e entreguei aquele pacote. Ele em português me disse: muito obrigado, foi muito gentil. Foi pra um caminho e voltei, e não se falou mais nesse assunto. Ele nunca me disse o que havia dentro, se era dinheiro ou se era documento, o que era. (MEMÓRIAS, 2012)

Nas cenas subsequentes, o documentário destaca outro momento que marcou a conturbada passagem de João Saldanha pelo comando técnico da seleção. Em *off*, a narrativa falou sobre a presença exigida pelos militares, de agentes da repressão na delegação brasileira:

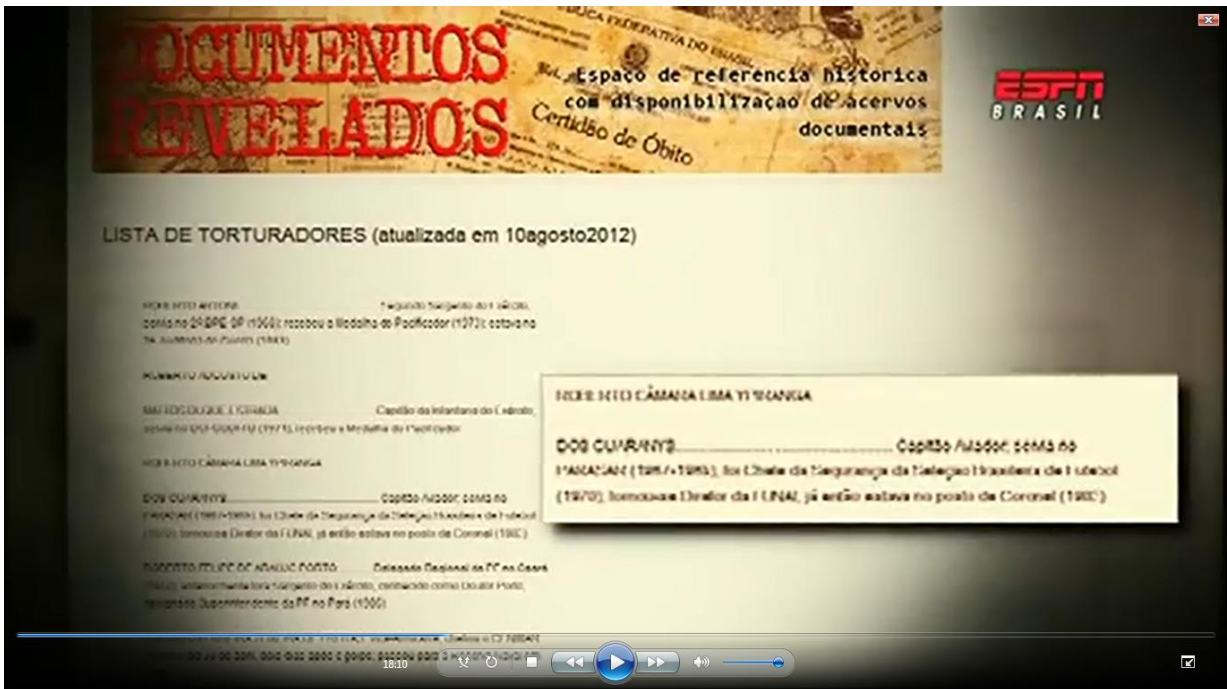
Além da queda de João Saldanha, os militares impõem à CBD o brigadeiro Gerônimo Bastos na chefia da delegação. Este, por sua vez, leva para a chefia da segurança, um agente da repressão, cujo nome consta nos dias de hoje nas listas de envolvidos com tortura. Provavelmente o nome da repressão que João Saldanha prometeu revelar em uma crônica do Jornal do Brasil anos depois: Vou escrever uma matéria sobre a presença exigida e por mim repelida, de policiais espancadores na concentração. Foram barrados por mim, mas depois eu fui barrado por eles. Afinal de contas estavam no poder. E que poder. (MEMÓRIAS, 2012)

Enquanto a temática envolvendo João Saldanha é abordada pelo documentário, o espectador pode ouvir, ao fundo, notas musicais que conferem um tom de denúncia e mistério às cenas. Ademais, percebe-se que no exato momento em que o narrador fala sobre a presença

de um agente da repressão, cujo nome aparece nas listas atuais de torturadores da ditadura, é mostrada uma imagem do documento que ilustra e comprova a referência. Fotos de João Saldanha também são exibidas. Quando a narrativa se refere à crônica prometida pelo ex-treinador ao *Jornal do Brasil*, a entrevista na qual ele fez a promessa é exibida, de modo a representar as próprias palavras de Saldanha. As informações podem ser ratificadas por intermédio das FIG. 1 e 2:

FIGURA 1

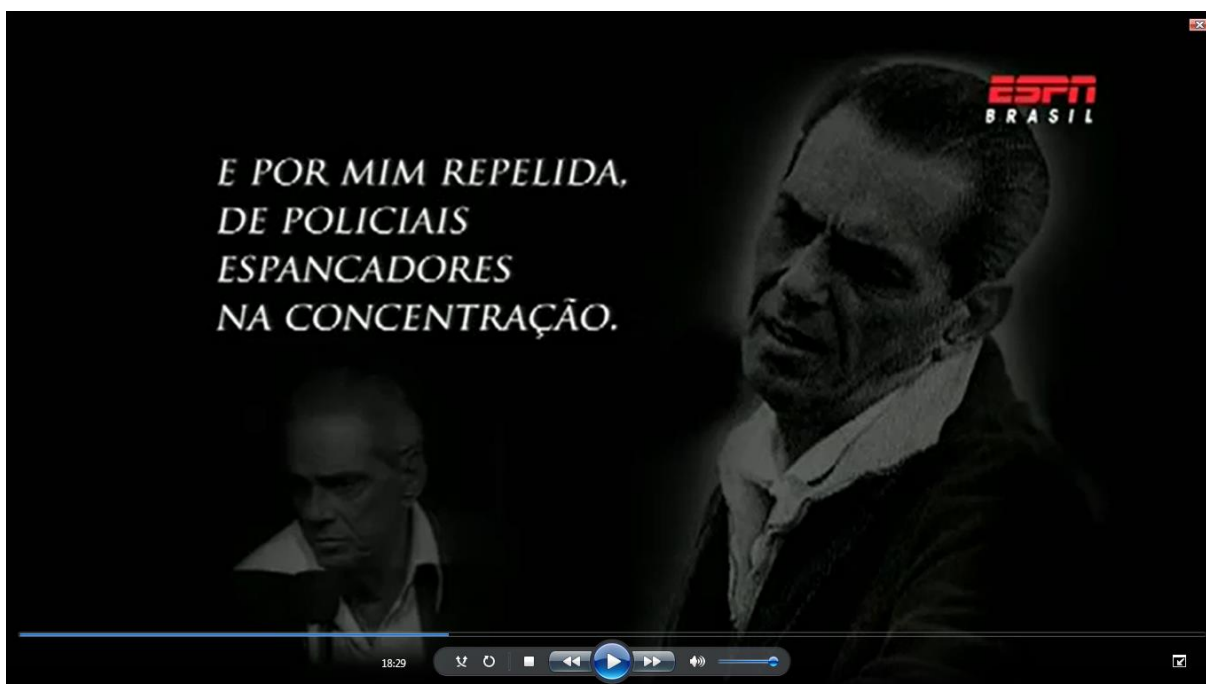
Imagem do documento que revela o nome do torturador que esteve infiltrado na seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1970, no México: o major Roberto Câmara Ipiranga dos Guarany



Fonte: *Memórias do chumbo – o futebol nos tempos do condor*. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 2

Trecho da entrevista de João Saldanha ao Jornal do Brasil, na qual o ex-técnico da seleção prometeu revelar o nome do agente da repressão na delegação brasileira



Fonte: *Memórias do chumbo – o futebol nos tempos do condor* /. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Por meio da análise fílmica, observamos que enquanto discutiu a questão referente a João Saldanha o documentário o fez sob duas perspectivas: a) abordou a ligação do ex-treinador com a ideologia comunista, fato que o colocou sob constante vigilância pelos militares, especialmente se levado em consideração a posição de destaque que ele passou a ocupar como técnico da seleção brasileira; b) as possibilidades que o cargo de treinador da equipe nacional lhe ofereciam no sentido de, valendo-se das viagens ao exterior, denunciar as arbitrariedades cometidas pela ditadura. A análise historiográfica a seguir nos permitirá concluir que, nos dois casos, a narrativa fílmica se encontra em consonância com as vertentes históricas sobre o caso, possibilitando inclusive a ligação entre a passagem de Saldanha pelo comando técnico da equipe e a revelação, apresentada de forma inédita pelo documentário, da presença de policiais espancadores na seleção brasileira.

As vicissitudes que se criaram em torno da realização da Copa do Mundo do México, em pleno regime ditatorial, no ápice de seu autoritarismo eram enormes, especialmente quando levada em consideração a relação do povo brasileiro com o futebol. Os militares perceberam que a seleção brasileira que disputaria aquele Mundial poderia e deveria ser o símbolo maior de unidade da nação, e que torcer para ela não só representava manter

acalorados os anseios de patriotismo, mas como também compactuar, de forma indireta, para com os projetos nacionalistas do Estado.

É importante que se diga que até embarcar para o Mundial a seleção brasileira, muito em função do fraco desempenho e da eliminação precoce de quatro anos antes na Inglaterra, estava envolta por uma nuvem de desconfiança e descrédito. O fiasco resultara em uma grande reformulação da equipe, dentro e fora de campo. O presidente da CBD à época, João Havelange, não poderia permitir que tal desastre ocorresse de novo, e para isso surpreendeu ao escolher para o posto de comandante técnico da seleção o comentarista de esportes João Saldanha, também natural do Rio Grande do Sul. A nomeação de Saldanha aconteceu logo no primeiro semestre de 1969.

“João Sem Medo”, como era conhecido, sobretudo por não ter receio de se posicionar firmemente de acordo com suas convicções, possuía um passado marcado por ter sido militante comunista participativo, desde a década de 1940, e por manter raízes profundas no PCB, o que era uma verdadeira temeridade em um regime fechado e autoritário como o brasileiro. Seu histórico como técnico de futebol de fato ficara restrito à conquista do Campeonato Carioca em 1957, pelo Botafogo de Futebol e Regatas. Entretanto, o cargo de treinador da seleção brasileira fez com que Saldanha colocasse à tona seu lado pragmático e de apaixonado por futebol e esquecesse o envolvimento com a ideologia comunista, pelo menos por um tempo. A história se encarregaria de mostrar, mais tarde, que a decisão de oferecer o posto de técnico da seleção justamente a um de seus maiores críticos foi, no mínimo, equivocada. A intenção lógica era acabar com as críticas, mas a herança da Copa da Inglaterra e o envolvimento e apelo pela seleção canarinho eram forças estrondosas e maiores que qualquer um, naquele momento, poderia prever e medir. A pressão que cairia sobre o novo treinador seria enorme, independentemente de quem fosse ele.

O início da “Era Saldanha” na seleção foi avassalador. Cem por cento de aproveitamento nas eliminatórias para a Copa: seis vitórias em seis jogos disputados, com a impressionante marca de vinte e um gols de saldo, sendo vinte e três marcados a favor e somente dois sofridos. Esse time recebeu a alcunha de “Feras do Saldanha”. Todavia, o comportamento temperamental de João Saldanha rendia a ele certa oposição por parte dos demais treinadores e da imprensa. Circulavam informações que no interior da seleção os níveis emocionais não se ajustavam e como consequências vieram os resultados ruins obtidos nas partidas amistosas e preparatórias para o Mundial. Sobre esse fato, o jornal *Última Hora* publicou a seguinte nota quando no embarque para um certame contra os argentinos, em

março de 1970 (p. 10): “Os jogadores quase não falaram, demonstrando para muita gente que há algo de errado”. Como resposta aos rumores sobre uma possível demissão, João Saldanha sempre respondia usando seu tom característico de humor e sarcasmo – características que faziam sucesso entre os torcedores desde os tempos de comentarista. Com o passar do tempo, o treinador foi se isolando dentro da seleção. Algumas de suas atitudes e declarações públicas desagradavam à imprensa, à comissão técnica e aos jogadores. Começaram a surgir informações que apontavam para uma grande interferência externa na seleção (GUTERMAN, 2009).

Ainda na fase de preparação para o Campeonato Mundial, João Saldanha decidiu por fazer cortes na lista dos convocados alegando questões médicas. O zagueiro Scala, do Internacional, e o lateral esquerdo Rildo, do Botafogo, foram alguns desses nomes. Segundo outros jogadores, que também foram cortados da lista do técnico, o clima que se instaurou na seleção com as recentes dispensas era ruim e já não se verificava mais o apoio maciço dos comandados para com o comandante. O fato de alguns desses jogadores terem ido a público, com tais declarações, escancarou o que já se mostrava evidente: a tensão entre a relação de Saldanha com todo o universo de profissionais que circundavam a seleção. Tensão essa, que não foi amenizada nem pelos ótimos resultados da equipe sob o comando do gaúcho (GUTERMAN, 2009).

A decisão do técnico em barrar o maior ídolo do futebol brasileiro e mundial à época foi vista com surpresa e muito provavelmente pode ter custado sua demissão, sacramentada em março de 1970. Afinal, ele decidiu barrar ninguém menos que Pelé. O jogador só completaria 30 anos no ano seguinte, mas suas exhibições excepcionais e seu sucesso como profissional já lhe rendera o título de maior futebolista de todos os tempos. Entretanto, Pelé não conseguia manter o alto nível de suas atuações e começou a receber críticas e também vaias. Até mesmo Zagallo, que viria a assumir a função de treinador da seleção com a demissão de Saldanha, chegou a dizer que “Pelé, no momento, era nocivo ao time” (ÚLTIMA HORA, 1970, p. 11).

Além de barrá-lo, o “João Sem Medo” continuou a fazer jus ao apelido e cometeu aquele que foi considerado por muitos como o seu grande erro de avaliação sobre o rei do futebol: disse que Pelé tinha miopia e que isso faria com que sua condição de praticar o esporte se tornasse limitada. A verdade é que pouco depois o jogador admitiu ser mesmo míope, mas não a ponto de atrapalhá-lo no desenvolvimento de suas funções. Saldanha disse ao jornal *Última Hora*, em 19 de março de 1970 – dois dias após a sua demissão –, que

chegou à conclusão sobre o desvio de visão do craque ao “observá-lo durante muito tempo, não só em campo, mas também no convívio”.

A relação entre os dois era, a princípio, amistosa. O jogador chegou a lamentar publicamente a saída do treinador. Contudo, o que se viu na sequência foi uma declaração de Pelé ao mesmo jornal *Última Hora*, no dia 18 de abril de 1970, dizendo que Saldanha “nunca entendeu coisa alguma sobre futebol” e que a seleção seria muito melhor com a chegada de Zagallo. Dias depois, disse ao jornal *Estado de S. Paulo* que o ex-comandante “inventava” na hora das escalações e quando suas mudanças não surtiam efeito ficava “apavorado”. É impossível concluir que Pelé e toda aura de fama e autoridade em cima de sua figura tenham derrubado João Saldanha, mas é certo que a relação e o clima entre os dois não eram bons.

Dando sequência aos acontecimentos que culminaram na demissão de Saldanha, o fatídico episódio em 16 de março daquele ano pôde ser visto como crucial para sua saída. Naquele dia, Saldanha invadiu o local onde estava concentrado o time do Flamengo para tirar satisfações com o treinador do rubro-negro, Yustrich, que o havia chamado de “covarde”. Fora uma situação conturbada e que certamente traria desdobramentos. O porteiro flamenguista chegou inclusive a dizer que Saldanha portava uma arma no momento em que invadiu a concentração – fato que o treinador negou veemente. Toda a confusão foi contornada e o confronto entre os técnicos foi evitado. Todavia, Yustrich, que era conhecido na época por ser um treinador linha dura e autoritário, de porte físico avantajado – o que invariavelmente lhe rendia uma comparação com as diretrizes da ditadura –, aproveitou-se da situação para cobrar dos militares uma providência que contivesse Saldanha. Curioso foi que dias antes do ocorrido, Yustrich já havia se pronunciado publicamente sobre sua insatisfação com o técnico da seleção. Ao jornal *Última Hora*, em 3 de março (1970), ele disse: “Se Saldanha continuar com o comportamento que teve até agora, acho que pode haver uma intervenção do Exército na seleção, como já aconteceu em outros países onde, como no Brasil, o futebol tem grande repercussão na vida nacional”. Sobre o fato, o coordenador da seleção, Antonio do Passo, revelou que a insatisfação da CBD com Saldanha era grande e que a paciência da Confederação Brasileira de Desportos com ele chegara ao fim. João Saldanha foi demitido no dia seguinte, curiosamente no mesmo dia em que foi denunciado por Passo a João Havelange.

A demissão do técnico na noite do dia 17 de março de 1970 levantou fortes suspeitas de uma interferência direta dos militares, representados na pessoa do presidente Médici. O uso político do esporte e o uso do esporte pela política tinham nesse momento suas facetas

escancaradas (GUTERMAN, 2009). Logo após sua demissão, Saldanha convocou imediatamente os jornalistas para uma espécie de coletiva de imprensa para explicar os motivos de sua saída. O que ele disse durante a entrevista é usado até os dias atuais como evidência concreta da disposição do agora ex-técnico da seleção em não fazer o jogo da ditadura. João chegou a insinuar, inclusive, que o presidente Garrastazu Médici queria obrigá-lo a convocar o atacante Dario, que na época era um dos cinco maiores goleadores do Brasil e jogava pelo Atlético Mineiro.

Além de todas as ocorrências já mencionadas, que culminaram com a demissão do “João Sem Medo”, o autor Euclides Couto lembra ainda de um episódio ocorrido em janeiro de 1970 que foi determinante para que os militares não tivessem dúvidas quanto à saída do treinador da seleção brasileira. O fato ocorreu durante uma viagem de João Saldanha ao México, onde ele acompanharia o sorteio das chaves da Copa do Mundo. Quando abordado por um repórter sobre a existência de algum tipo de tortura em seu país, Saldanha se pronunciou de forma veemente: “Alguma não. Muita. É terrível” (SIQUEIRA, 2007, p. 328, *apud* COUTO, 2014, p. 148). Não obstante, ele ainda noticiou a respeito do ambiente de inquietação e intranquilidade que o Brasil vivia após a implementação do AI-5 e as arbitrariedades da ditadura militar contra membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A essa altura, criou-se um clima de temor e insegurança entre os membros da Agência Especial de Relações Públicas (Aerp), que não gostariam que uma possível conquista da Copa fosse creditada a Saldanha, cujo nome era carregado de todo o simbolismo da esquerda brasileira.⁶

Evidentemente que circularam versões sobre a demissão de Saldanha que se relacionavam com sua militância comunista no passado e suas ligações com o PCB. O medo maior entre a cúpula militar era que ele voltasse ao México para a disputa do Mundial trazendo consigo uma lista com os nomes de presos políticos, e que fizesse ainda um discurso em tons de condenação e aversão ao regime militar brasileiro para toda a imprensa internacional que cobria os jogos. Em entrevista concedida à TV Record em 1982, João Saldanha citou sua suposta ação contra a ditadura por meio de denúncias de crimes em suas viagens ao exterior como treinador do escrete nacional, e fez referência à lista contendo informações sobre a ação dos militares brasileiros:

Porque eu já tava há um ano e pouco naquilo. Aí um amigo muito influente me deu uma lista de presos, desaparecidos, torturados e o diabo a quatro. Eu peguei a lista e

⁶ Além de Couto (2014), outros nomes também partilham dessa interpretação, como o jornalista André Siqueira (2007, p. 323) e o historiador Gilberto Agostino (2002, p. 161).

corri a lista. Dei no Observe, no Le Monde, falei no rádio, em televisão na Europa, fiz o diabo com aquela lista.⁷

Não há, todavia, registros sobre a tal lista ou sobre os comentários aos quais Saldanha se referiu, tanto em fontes nacionais como no exterior.⁸ Fato foi que dias após ter sido demitido João Saldanha cordialmente pediu que fosse recebido pelo ministro Jarbas Passarinho em audiência para lhe entregar uma pasta contendo propostas e medidas que visavam reformular o futebol brasileiro. Ao recebê-lo, Passarinho recorreu aos antigos discursos patriotas do antigo treinador para que ele não atacasse publicamente a seleção. A revista *Placar*, especialista em futebol, tratou na sua edição datada de 20 de março de 1970 (p. 8) da demissão do “João Sem Medo” como sendo “uma intervenção branca do governo federal no escrete”.

Quem substituiu João Saldanha no comando técnico da seleção brasileira foi Zagallo. Ele, logo após ter assumido o cargo de treinador, se preocupou em expressar sua mágoa em resposta à versão construída e consolidada de que foram as pressões do presidente militar, Emilio Garrastazu Médici, as responsáveis pela queda do técnico anterior, Saldanha (GUTERMAN, 2009). Passadas mais de duas décadas, já no ano de 1995, o “Velho Lobo” – como Zagallo ficou conhecido, e três anos antes de dirigir novamente a seleção, em outra Copa do Mundo, que seria sediada na França – disse em entrevista ao Jornal *Folha de S.Paulo* (1995, p. 4-6) que “ele [Saldanha] saiu pelas cagadas que fez. Essa é a verdade. E eu entrei no lugar dele. E tem muita gente que quer me tirar o mérito. Quiseram dizer que eu peguei o time montado”.

Em comum acordo com as abordagens anteriores relativas à passagem do técnico João Saldanha pela seleção brasileira, Couto enfatiza que várias interpretações que trataram da demissão de João Saldanha foram construídas naquela época. Na maior parte delas, ficou clara a ênfase nos princípios ideológicos do treinador como fator primordial para sua saída – embora tais convicções tenham sido, em certa medida, impulsionadas pelo comportamento, por vezes, desequilibrado de Saldanha. Já a figura de Zagallo como novo técnico preenchia todos os requisitos para que seu nome se “enquadrasse” aos padrões do regime, que àquela

⁷ Entrevista a Cidinha Campos, TV Record, 1982.

⁸ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. 2013. 239 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2013_LiVIA_GONCALVES_MAGALHAES.pdf>.

altura se mostrara extremamente preocupado com a canalização política da Copa do Mundo de 1970 (COUTO, 2014).

No tocante à curta passagem de João Saldanha pelo comando técnico da seleção brasileira, entre 1969 e 1970, notamos que *Memórias do chumbo – o futebol nos tempos do condor* busca, com a participação de João Viotti Saldanha, filho do ex-treinador, fomentar os debates da historiografia clássica do futebol sobre o caso. Podemos inferir que os depoimentos de um personagem intimamente ligado a João Saldanha se deu com o objetivo de sustentar e reafirmar as discussões acerca do comportamento dissonante do técnico à frente da seleção. Portanto, a fala de João Viotti Saldanha confirma as suspeitas do governo militar de que o pai usava de fato o espaço e a visibilidade oriundos do cargo de treinador da seleção brasileira de futebol para atitudes, consideradas pelos militares, como duvidosas em relação à sua posição sobre o regime – fato que apresentamos nesta seção amparados, sobretudo, pelas contribuições de Couto. Ao recorrer a tal testemunha, a narrativa aprofunda as análises sobre o caso e contribui, simultaneamente, para o estabelecimento de novas perspectivas de pesquisa sobre outros possíveis momentos em que o ex-técnico valeu-se do cargo, que ocupara, para levar mensagens e informações sobre a ditadura, o que nos permite observar que as relações entre o filme e as vertentes historiográficas são marcadas por traços correspondentes e complementares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento marcado pela imposição do regime militar no Brasil, o futebol, como um dos maiores símbolos culturais do povo brasileiro, foi utilizado como instrumento de capitalização de apoio político em prol dos projetos nacionalistas do Estado. Na esteira das interpretações historiográficas, relacionadas ao tema, as discussões realizadas neste trabalho permitem concluir, principalmente, que as abordagens apresentadas pelo documentário *Memórias do chumbo – o futebol nos tempos do condor* dialogam diretamente com os recentes trabalhos produzidos pela historiografia do futebol. Mais do que isso, permitem definir o filme produzido por Lúcio de Castro como uma nova narrativa histórica sobre o assunto.

Quanto às perspectivas apresentadas sobre o curto período no qual João Saldanha esteve à frente do comando técnico da seleção, concluímos que a obra corrobora com as várias vertentes acerca da temática que são comumente trabalhadas pelos historiadores do

futebol. Ademais, o autor do filme-documentário recorreu a depoimentos de atores que estiveram intimamente ligados a esse contexto e, portanto, colaboraram significativamente para a (re)construção e representação de tais acontecimentos, como pôde ser verificado por meio dos depoimentos de João Viotti Saldanha, filho de João Saldanha, e do historiador Carlos Eduardo Sarmiento. O fato de recorrer a personagens ligados ao contexto da ditadura foi prática recorrente à qual o autor se valeu ao longo de toda a narrativa fílmica. Ao dividir a participação desses personagens em duas categorias distintas – pesquisadores e especialistas no mundo histórico do regime militar brasileiro, e pessoas que vivenciaram *in locu* o período e, mais ainda, os próprios fatos históricos narrados pelo filme; constatamos que a participação desses autores significaram um passo importante no cumprimento das expectativas propostas por Lúcio de Castro de contribuir com a fruição da memória referente à época.

Concluimos que, para além das vertentes historiográficas clássicas – e de maneira concomitante oferecendo possibilidades de diálogo para com estas –, o filme documentário analisado se constitui como uma fonte e, simultaneamente, como um objeto importante de pesquisa histórica que atua na direção de nortear trabalhos futuros e promover mais debates acerca do uso político do futebol pela ditadura e da circulação das memórias relativas a esse triste momento da história nacional. Nesse sentido, por meio de enfoques que se apresentam como terrenos férteis para a produção do conhecimento histórico, e dada a percepção de que o campo futebolístico oferece uma pluralidade de abordagens historiográficas, acreditamos que o presente artigo possa contribuir para o aprofundamento de tais estudos sobre o futebol no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2008.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira; RODRIGUES, Nelson. O dilema do homem brasileiro: vira-latas ou moleque genial. In: ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira; RODRIGUES, Nelson. *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DA MATTA, Roberto *et al.* *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DRUMOND, Mauricio. In: DEL PRIORI, M.; MELO, V. A. de (org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do País*. São Paulo: Contexto, 2009.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais: a história depois do papel*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005 p. 237.

SILVA, Eliazar João da. *A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha, uma vida em jogo*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2007.

Periódicos

Jornal *Folha de S.Paulo*, 16 jul. 1995, p. 4-6.

Jornal *Última Hora*, 3 mar. 1970, p. 10.

Jornal *Última Hora*, 3 mar. 1970, p. 12.

Revista *Placar*, 20 mar. 1970, nº 1, p. 8.

Documentários

MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.